

EXPERIÊNCIA DE INCUBAÇÃO EM UMA ASSOCIAÇÃO DE USUÁRIAS/OS DE SAÚDE MENTAL: PERSPECTIVAS E POTENCIALIDADES

Daiane de Lazari, Giovana Domingos da Silva, Marcos Mariani Casadore, Ana Maria Rodrigues de Carvalho (Universidade Estadual Paulista – UNESP/Assis).
daianedelazari@gmail.com, giovana.domingoss@gmail.com, marcosmc20@gmail.com,
anamrcarvalho@yahoo.com.br.

GT 7: Saúde mental, inclusão pelo trabalho e cooperativismo social.

Resumo: Este trabalho foi desenvolvido a partir da relação da Economia Solidária com a saúde mental, visando refletir sobre os métodos de incubação, desafios e perspectivas, frutos da parceria iniciada em maio de 2017 entre a Incubadora de Cooperativas Populares da UNESP/Assis – INCOP e a Associação de Usuária/os da Saúde Mental em Assis/SP – PIRASSIS. A partir dos desejos e saberes das/os associadas/os foi organizada uma frente de produção culinária para venda. Tendo referência nos princípios da atenção psicossocial, tanto as atividades da associação quanto as ações da Incop buscam proporcionar o trabalho cooperativo e a construção de autonomia. Pode-se observar que o fortalecimento de parcerias com instituições e coletivos engajados politicamente com a transformação social foi de extrema importância para a conquista de espaço social, contato com realidades diversas e articulação política das/aos usuárias/os.

Introdução

A apresentação deste relato de experiências oriunda da parceria desenvolvida entre uma associação de usuárias/os da saúde mental e uma incubadora de cooperativas populares tem como intuito destacar os pontos comuns, convergentes, que se referem tanto às iniciativas da Economia Solidária vinculada à geração de trabalho e renda quanto aos princípios do denominado Modo de Atenção Psicossocial, derivado da Reforma Psiquiátrica e do movimento da luta antimanicomial.

Esse novo modelo de atenção começa a surgir no final da década de 1970, originário de discussões e posicionamentos críticos diante de um cenário de práticas voltadas à saúde mental que violavam direitos humanos básicos e não se mostravam minimamente eficazes. Sua iniciativa parte não só de um movimento científico-teórico, mas de articulações e movimentos sociais; sua proposta era repensar a assistência psiquiátrica vigente até então, caracterizada principalmente por práticas reducionistas no que tangia à compreensão da pessoa possuidora de sofrimento psíquico e restringia as

intervenções em ações de segregação e isolamento desse grupo, muitas vezes internado em instituições asilares sem perspectiva de saída.

O Modo Psicossocial de tratamento, em contraponto ao modelo asilar (COSTA-ROSA, 2000), buscaria não só reaver os direitos humanos e sociais dessas pessoas como teria como princípio básico uma reorientação referente à compreensão sobre saúde mental e a dicotomia doença-cura, considerações abrangentes acerca da complexidade inerente à subjetividade e perspectivas que destacariam a singularidade e a alteridade, bem como concepções ampliadas quanto ao cuidado e tratamento, multiprofissional e exercido fora da lógica do modelo medicocentrado de até então.

Como apontam Yasui & Costa-Rosa (2008), a Política de Saúde Mental no Brasil vem sendo construída desde meados da década de 1980, e busca pautar transformações e mudanças nos modelos teóricos e técnico-assistenciais responsáveis por organizar e sustentar as práticas profissionais dentro deste campo. Ao destacarem as dificuldades inerentes à tentativa de superação de práticas e paradigmas culturalmente arraigados nas ações que se voltam ao tratamento do sofrimento psíquico – dificuldades, estas, que aparecem aqui como barreiras e resistências nos mais diversos âmbitos – demonstram problemas comuns e cotidianos na implantação de alternativas para o exercício desse cuidado, bem como o desafio frente à necessidade de construirmos estratégias para a atenção psicossocial. A consolidação dessas transformações, por fim, vem a se caracterizar como uma busca constante no âmbito das práticas assistenciais, pela identificação e superação dessas dificuldades.

Rotelli (2000) denomina como empresa social esse trabalho desenvolvido na esteira das transformações inerentes à mudança paradigmática de assistência e cuidado frente às demandas da saúde mental. Nesse conjunto de práticas, salienta a importância de reafirmação da vida social pela via da desinstitucionalização, configurando, para além de uma rede complexa de serviços em saúde, uma rede de relações que vem a questionar processos de invalidação e negação antes presentes no modelo asilar. Ao retomarmos possibilidades e potencialidades dessas pessoas, é-nos possível construir o que chama de produtividade social: além de reverter o estigma de “improdutivas/os” que se associa historicamente à questão da loucura, pensa a ideia de produção de modo ampliado, vinculado à subjetividade e aos laços sociais, e busca, em última instância, também a renegociação de um pacto social e a convivência comunitária.

Dentre as ações que encontramos nesse novo cenário, vale destacar a questão do trabalho e da geração de renda junto às/aos usuárias/os de serviços de saúde mental como

potencializadoras de experiências individuais e coletivas dotadas de significação, que visam uma rearticulação social. Santiago & Yasui (2011) apontam para o status do trabalho como um dispositivo de atenção inserido nas propostas da Reforma Psiquiátrica, destacando-o como uma estratégia de cuidado e de inserção social; ao salientarem, inclusive, a importância da construção de significações em ações como o trabalho para a subjetividade, reiteram a ideia deste como uma atividade reabilitante. A partir da compreensão ampliada da noção de produção, assinalam as iniciativas de geração de trabalho e renda junto aos serviços de saúde mental como responsáveis também pelo reconhecimento e expressão das singularidades e das diferenças (em oposição ao trabalho normativo e obediente priorizado pela maioria dos modos de produção vigentes), sendo este, ainda, um instrumento não só terapêutico, mas de ação e resistência diante do panorama atual. A produção, enfim, também se refere à subjetividade e, como resultado, temos, ainda, a promoção de saúde.

Em consonância com essa leitura, também pensando o trabalho de maneira abrangente e diretamente vinculado aos modos de organização social, as ideias da Economia Solidária propõem não só um modelo alternativo para a organização dos modos de produção e de oferta de serviços, mas enxergam nessas articulações uma potencial transformação social. Por essa ótica, valorizam-se possibilidades de construção de redes não só voltadas à geração de renda, mas que apresentam novas experiências de relação sociocultural e de convivência solidária e cooperativa; quando destacamos a questão do trabalho, numa perspectiva instrumental, temos a proposta de constituição de novos métodos de organização da atividade de produção e de relações entre as/os atoras/es, estruturando, por fim, um modelo mais democrático e participativo de gestão – alternativa às práticas dos modos de produção hegemônicos em nossa sociedade atual, caracterizada pelos princípios capitalistas e extremamente competitiva. Singer (2008) destaca, portanto, as transformações que atingiriam não só as pessoas diretamente envolvidas com as práticas do trabalho nesse modo de organização, mas suas relações coletivas, econômicas e familiares, possibilitando, em última instância, a constituição de uma nova sociedade articulada de modo não tão competitivo ou mesmo antagônico dentre os seres humanos.

A seguir, temos como objetivo caracterizar as duas instituições envolvidas na parceria, ambas situadas no município de Assis, no interior do estado de São Paulo. Além de discutirmos as propostas provindas da Incubadora de Cooperativas Populares da UNESP/Assis – Incop, no que tange à assessoria vinculada às questões da organização da associação e das atividades de trabalho. Destacaremos, principalmente, a história e

desenvolvimento da Associação das/os Usuárias/os de Saúde Mental de Assis/SP - PIRASSIS enquanto articulação de um coletivo estruturado a partir da relação entre usuárias/os, seus familiares e profissionais inseridos na rede de serviços em saúde mental, a fim de contextualizarmos as práticas construídas nesse espaço, bem como as perspectivas e potencialidades que surgem ao longo de todo o processo.

Incubadora de Cooperativas Populares (Incop - UNESP/Assis): breve contextualização

A atuação com a temática de geração de trabalho e renda na UNESP/Assis tem início no ano de 2001. Por meio de um projeto de Extensão Universitária e de estágio do curso de Psicologia, docentes e discentes participavam e envolviam-se com o trabalho, organização e constituição de cooperativas e associações de catadoras/es e de programas de Coleta Seletiva Solidária nos municípios de Assis, Palmital e Maracaí. A partir dessas iniciativas nasce, em 2006, a Incubadora de Cooperativas Populares da UNESP/Assis – INCOP. (MENDES, A. A. et al., 2014)

Segundo Mendes et al. (2014), à medida que o trabalho da equipe se desenvolvia e tornava-se complexo, privilegiando também a articulação dos coletivos com movimentos sociais e a composição de representações regionais, crescia a demanda de gestoras/es públicos de outros municípios para organização de novos grupos, inclusive no segmento da agricultura familiar. Assim, considerando a transdisciplinaridade como pressuposto da Economia Solidária, a Incop passou a integrar alunas/os e professoras/es de outras áreas do conhecimento e a fortalecer a articulação com incubadoras universitárias brasileiras, filiando-se à Rede Universitária de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares – Rede ITCP's.

De acordo com Carvalho, Ladeia e Felício (2012), a fim de conciliar os interesses da Universidade com a contribuição para as atividades das/os trabalhadoras/es que acompanha, a Incop construiu objetivos estratégicos acadêmicos, econômicos e políticos, a saber:

a) Objetivos acadêmicos: priorizam a integração de teoria, prática e reflexão, a socialização e o confronto de conhecimentos sistematizados com a realidade, a estimulação da capacidade criativa das/os discentes para resolver problemas da sociedade brasileira, e incentivam uma formação comprometida com a mudança da realidade socioeconômica, desigual e injusta do país.

b) Objetivos econômicos: estão voltados às mudanças de aspectos estruturais, como apoiar a organização de grupos populares para a geração de trabalho e renda e socializar conhecimentos com esses grupos, almejando impulsionar o desenvolvimento de suas atividades produtivas e da autogestão, estimular a articulação dos grupos e a formação de redes, contribuir para o avanço na cadeia produtiva e uma posição mais favorável no mercado, e colaborar na elaboração de contratos, convênios e projetos para a captação de recursos públicos e privados, a fim de incrementar a estrutura produtiva dos grupos e a renda das/os trabalhadoras/os.

c) Objetivos sócio-políticos: relacionados ao campo da superestrutura, como buscar na atuação direta com os grupos o desenvolvimento de uma consciência crítica da realidade e a construção de noções de democracia, solidariedade e autogestão, colaborar para a formação de cidadãs/ãos comprometidas/os com ações coletivas, estimular a participação nos espaços de controle social das políticas públicas e nos movimentos sociais, e apoiar a criação ou acesso a políticas públicas que beneficiem diretamente os grupos e a inclusão social e econômica.

Nesta conjuntura, a Incop atua por meio do financiamento da UNESP/Assis, da PROEX e da captação de recursos junto a órgãos federais. Sua metodologia baseia-se em referenciais críticos e na composição de conhecimentos acadêmicos e populares, buscando produzir a superação das contradições históricas e a transformação da realidade econômica e social. Assim, a equipe acompanha os empreendimentos de Economia Solidária por meio de reuniões semanais e de capacitações e oficinas temáticas, visando colaborar para o desenvolvimento dos grupos e intermediar suas relações com gestores públicos e outras instituições, bem como incentivar a organização política das/os trabalhadoras/es. Ainda, a INCOP assessora gestões públicas na elaboração e implementação de políticas no âmbito da inclusão produtiva e fomenta atividades de fortalecimento da Economia Solidária, como na organização de fóruns regionais (MENDES et al., 2014).

Atualmente, a incubadora acompanha o trabalho de oito grupos populares em sete municípios, entre associações e cooperativas de trabalhadoras/es que abrangem os setores de catadoras/es de materiais recicláveis, agricultura familiar e rede de consumo responsável, e usuárias/os dos serviços de saúde mental.

A trajetória da PIRASSIS

O aumento da complexidade e diversidade de trabalho das oficinas que se alinhavam aos projetos terapêuticos das/os usuárias/os do Centro de Atenção Psicossocial – CAPS do município de Assis, contribuiu para que algumas dessas atividades produzissem marcas na cultura local e alternativas de geração de renda, em meados dos anos 2000. Pode-se citar, como destaque, a oficina de velas, que motivou a produção para venda em eventos na cidade e permitiu às/aos pacientes experienciar discussões e tomar decisões sobre o trabalho coletivamente. O resultado dessas vivências foi a criação, no ano de 2002, da Associação das/os Usuários, Familiares e Amigas/os da Saúde Mental de Assis/SP, nomeada pelas/os idealizadoras/es como PIRASSIS (Yasui, 2006).

A atuação do Núcleo de Estágio Modo de Atenção Psicossocial da UNESP/Assis no CAPS foi de extrema importância para o aprimoramento das atividades terapêuticas e das oficinas, colaborando também para o desenvolvimento da PIRASSIS. Em 2004, a Associação firmou parceria com o Circuito de Interação de Redes Sociais – CIRCUS, organização que atua com a Economia Solidária e acompanha o trabalho de cooperativas populares, e passou a realizar reuniões semanais, junto ao coletivo, na UNESP/Assis.

Nesta direção, a PIRASSIS integrou no ano de 2006 o Projeto Galpão Cultural que, em rede com a CIRCUS e mais quatro coletivos, engajava-se na construção de uma zona de integração e fomento de manifestações artísticas, culturais, ambientais e de inclusão social na cidade. Neste período, a Associação aproximou-se também da Incubadora de Cooperativas Populares – Incop da UNESP/Assis. Essas parcerias contribuíram para a execução do Projeto de Geração de Renda que, financiado pelo Ministério da Saúde, integrava o Mapeamento Nacional de Projetos de Geração de Renda e Trabalho de Usuária/os de Serviços de Saúde Mental. Na especificidade da PIRASSIS, o projeto consistia em reuniões semanais que visavam contribuir para a apropriação, por parte da/os associados, de princípios e valores do trabalho cooperado e da Economia Solidária, bem como para o aprimoramento técnico de sua produção que, na época, era composta pela confecção de velas, sabonetes e camisetas estampadas (Rocha et al., 2007).

Em 2007, a PIRASSIS estreitou relações com coletivos e instituições comprometidos com a consolidação dos princípios da Reforma Psiquiátrica e participou de eventos culturais e políticos implicados na Luta Antimanicomial. Ainda neste ano, foi desenvolvido o Projeto Barraca que, anexado ao Projeto de Geração de Renda, consistia em um lugar reservado na feira livre municipal de Assis para a Associação comercializar seus produtos. Iniciativas e parcerias como essas contribuíram para que a PIRASSIS

conquistasse o reconhecimento diante à comunidade e a possibilidade, para suas/eus associadas/os, de habitar e transitar os espaços urbanos e afirmar suas autonomias e singularidades na sociedade. A relação e a responsabilidade com o trabalho cooperado proporcionou, gradualmente, a geração de valor próprio por meio da participação de todo o processo, desde atividades de gestão como as decisões coletivas e pesquisas de mercado, até a compra de materiais, produção e comercialização dos artefatos (Santos et al., 2007).

A partir de 2009, na intenção de diversificar suas atividades, a Associação criou um brechó de roupas customizadas, e iniciou uma frente culinária de produção. No ano de 2011 uma oficina de encadernação também incrementou a produção da PIRASSIS. Contudo, nesse período, o Galpão Cultural perdeu o espaço onde se realizavam suas atividades e as reuniões do grupo retornaram ao CAPS. Assim, até 2013, a reaproximação com o serviço de saúde aumentou as demandas terapêuticas da Associação, fazendo emergir maior concentração em ações ligadas às questões de saúde mental.

Em 2014, a partir da iniciativa de trabalhadoras da saúde, outrora estagiárias atuantes na PIRASSIS, o grupo realizou eleições de Diretoria e Conselho Fiscal e regularizou sua situação juridicamente. A criação de uma oficina permanente de bijouterias e o retorno das reuniões semanais revitalizaram as atividades de produção e comercialização, bem como a frente de Geração de Trabalho e Renda da Associação. Com o encerramento do Núcleo de Estágio Modo de Atenção Psicossocial da UNESP/Assis em 2016, parte das/os estagiárias/os que desempenhavam atividades no CAPS e na PIRASSIS perderam o vínculo com as instituições. Neste sentido, observando a necessidade do fomento de práticas educativas e de fortalecimento dos princípios da Economia Solidária, como forma de colaborar para o aprimoramento de seu trabalho, a PIRASSIS restabeleceu parceria com a Incop, que iniciou, no ano de 2017, mediante o esforço de estagiárias, o processo de incubação da Associação.

O processo de incubação: estruturação e desenvolvimento

Após alguns momentos de aproximação, no decorrer dos anos de atuação da PIRASSIS, o processo de incubação se iniciou, finalmente, por volta de Abril de 2017. O marco inicial da parceria se deu em uma reunião semanal da Associação, onde discentes, supervisoras/es da Incop e a equipe que viria a assessorar estiveram presentes com o intuito de apresentar o trabalho da Incubadora e entender como se dava o desejo pela Incubação.

Na reunião, após uma rodada de apresentações pessoais, a Incop explanou rapidamente sobre seu trabalho e escutou a respeito da trajetória da Associação, passando pela sua fundação, pela descrição das atividades realizadas e pela explicação dos problemas atuais. Com esse primeiro processo de intercâmbio entre as equipes, foi possível esboçar um cenário de esvaziamento de associadas/os e estagiárias/os circunscrito com diversas incubências burocráticas e administrativas, algumas dificuldades com relação à organização e problemas com o projeto de geração de trabalho e renda, principalmente no que diz respeito ao manejo do dinheiro e à formulação de preços dos produtos.

Motivado pelo primeiro contato, iniciou-se o mapeamento das demandas, evidenciando a necessidade de organização da associação com relação à articulação do grupo, retomada de parcerias e ampliação do número de participantes, usuárias/os da Saúde Mental e estagiárias/os. Ademais, também fez-se evidente a carência de regularização de documentos com a constituição de uma nova Diretoria e de um novo Conselho Fiscal, além de maior planejamento das atividades de geração de trabalho e renda e a retomada das atividades de formação.

Esse cenário também foi atravessado pela configuração dos Núcleos de Estágios da UNESP/Assis, no ano de 2016, que se afastaram das atividades terapêuticas do CAPS e também da PIRASSIS, o que fez romper com a garantia da presença, renovada anualmente, de estagiárias/os e do trabalho supervisionado e planejado junto a uma/um docente da mesma instituição. Nesse processo de transição de parte de um núcleo de estágio para uma atividade voluntária sem a renovação automática de estagiárias/os e planos de trabalho, a Associação culminou com um quadro carente de estagiárias/os e associadas/os, significativas dificuldades na frequência das reuniões semanais e na continuidade da produção das frentes de trabalho. Nesse de adaptação com os acordos de incubação, as reuniões da PIRASSIS eram de produção e de gestão/organização concomitantemente, como exporemos adiante.

Diante do esvaziamento e de todo esse processo de mudança, notou-se que a demanda substancial era com relação à existência da Associação. O passo escolhido, então, foi o de fomentar a autonomia e rearticular o grupo, partindo do introdutório “Quem somos, como somos, porque somos” para reconstruir, coletivamente, o sentido daquele laço a fim de reinventar aquele espaço, aquela Associação. Importante ressaltar que, no processo de incubação, havia na Associação a presença de uma aprimorada do CAPS que, devido a sua posição institucional e seu vínculo com as/os usuárias/os da

Saúde Mental possibilitou uma ponte entre as atividades do CAPS e as reuniões da PIRASSIS. Havia também a presença de uma sócia-fundadora, que sempre foi facilitadora da assessoria e do caminhar da Associação, pois a sua vivência e os seus afetos já estabelecidos com as/os demais participantes da PIRASSIS, agregava pele, poros e experiência ao nosso trabalho.

Inicialmente, a presença nas reuniões se dava por uma aprimorada, uma sócia-fundadora, duas graduandas que formavam a equipe de assessoria da Incop e, em média, quatro usuárias/os da saúde mental já associadas/os da PIRASSIS. Após os primeiros encontros, formou-se um contexto de cooperação na Associação e seguiram-se os trabalhos.

Junto do primeiro passo com relação à existência da Associação, que foi simultâneo a todos os outros no processo de incubação, seguiram-se as estratégias de assessoramento. Uma das sugestões foi a de reorganizar o espaço/tempo de reunião semanal. O espaço da reunião da PIRASSIS passou a ser ocupado de forma a compor em sua organização, separando as questões entre pautas (aquelas que demandam deliberação e discussão) e informes (relatos sobre alguma atividade e/ou experiência).

Dessa forma, a reunião passou a ter como foco principal o planejamento das atividades - tanto as de geração de renda como as de ações afirmativas - mudando a forma anterior em que produção e planejamento aconteciam mutuamente. Então, o espaço da reunião, ficou para a decisão das premissas sobre a organização, produção e comercialização: quais espaços comercializar, o que comercializar, quem das/os associadas/os podem participar, como serão as divisões de tarefas, os acordos sobre horários, lucros etc. Todos têm direito de voz e a reunião é estruturada de forma que a voz passe por todos, sendo as decisões tomadas por voto e diálogo, contemplando sempre, democraticamente, os desejos e condições dos participantes.

Posta essa reformatação das reuniões, caminhou-se muito administrativamente na PIRASSIS. Relevante ressaltar que essa reformatação, assim como quaisquer outras sugestões de assessoria, eram guias, horizontes onde nossas ações podiam beber e não engendramentos cristalizadores. Para todo o processo de incubação era de suma importância a organicidade do grupo, as histórias de vida, os afetos das vivências, as espontaneidades todas, principalmente pois que se faz presente toda uma postura política antimanicomial. O processo de incubação deveria se posicionar ao lado, do mesmo lado. Sendo assim, tecíamos, juntos, diretrizes, e dançávamos por elas com o que tínhamos em

cada novo dia. Havia a estratégia como sol, o caminhar se dava com os olhos nele, mas o caminhar era diverso.

Outra estratégia foi o mapeamento de parcerias, eventos e espaços que de alguma forma poderiam somar no desenvolvimento do trabalho e da representatividade de uma Associação e geração de trabalho e renda. Sucessivamente, ao passo em que, nesse mapeamento e diálogo, havia a oferta dos trabalhos desenvolvidos e o surgimento de convites para a realização do mesmo, a imagem da PIRASSIS foi se reconstruindo, novamente, como Associação ativa na produção e na geração de trabalho e renda.

Junto a isso, havia a questão do esvaziamento e, durante todo o ano de 2017, as/os associadas/os foram se delineando enquanto grupo em um processo bem variável: ora a reunião continha onze pessoas, ora seis, por vezes quatro, às vezes duas. Fez-se notável, com relação ao crescimento da atuação de usuárias/os na associação, um aumento significativo da presença em reuniões semanais, passando de 3 a 5 presentes para a faixa de 6 a 10 presentes. No entanto, nos espaços de produção e comercialização, não ocorreu a mesma adesão de associadas/os o que deixou a realização das atividades comprometida, fazendo-se necessário a presença da equipe de assessoria como parte ativa desses processos de produção e comercialização. Cada semana era um novo passo no sentido da reconstrução da PIRASSIS, retomando sempre o “Quem somos, como somos, por que somos” e, com isso, íamos, todos juntos, repensando estratégias.

A própria reorganização da reunião já foi um grande disparador para a questão de existência da Associação, toda a semana sabia-se que aquele era o horário da PIRASSIS, que ali seria o espaço de discussão de todas as questões referentes a ela, que ali uns estariam esperando por outros. Era criativo o sentido de compromisso, de responsabilidade com aquele coletivo, de parceria, de pertencimento, a cada dia, durante o ano todo. A agenda cheia veio como produto e como catalisador desse processo, pois que, quanto mais o grupo se unia para planejar algo, mais o grupo se articulava e ganhava representatividade em âmbito social.

Ademais, o grupo pensou a diretriz contínua de “convite”, tanto às/aos usuárias/os da saúde mental quanto às/aos estagiárias/os e voluntárias/os. Sempre que possível, era tirado em reunião alguém para falar sobre a Associação em eventos, mesas, aulas, convidando estudantes, amigas/os e familiares da saúde mental para conhecer a PIRASSIS.

O processo de incubação, então, iniciado com algumas angústias, medos e significativo esvaziamento, seguiu criativo e potente e a Associação foi retomando à vida.

Frentes de trabalho

A história da PIRASSIS é marcada pela diversidade nas frentes de trabalho e no ano de 2016 as atividades de geração de trabalho e renda se davam em duas frentes: na Frente de Trabalho Artesanal, com a confecção de bijouterias (Projeto Piramodas) e na Frente de Trabalho Culinário, com produção de alimentos, sendo que todos os produtos eram comercializados em eventos culturais. Entretanto, com a desmobilização da Associação no período de 2016 e 2017, a produção diminuiu, principalmente na Frente de Trabalho Artesanal, pois que para os produtos culinários ainda havia eventos como Festas Juninas.

Já em 2017, no processo de incubação, ocorreu uma intensificação no calendário de atividades, tanto na organização quanto na participação em eventos culturais e acadêmicos da cidade, o que expandiu os espaços de comercialização de alimentos. Sendo assim, as reuniões que nesse momento já eram dedicadas a organização da produção e comercialização, passaram a ficar cada vez mais cheias de pautas, diminuindo o tempo para outras demandas.

A produção na Frente de Trabalho Culinário se deu desde tortas, bolos, café, cachorro quente até refeições inteiras como almoços, jantas, cafés da tarde, que ocorreram, por exemplo, quando a Associação cuidou da alimentação de um camarim em um Encontro de Palhaços. A comercialização ocorreu, no ano de 2017 em exibição de filmes, festas juninas, eventos acadêmicos, apresentações culturais, entre outros.

Importante também dizer que, embora em 2017 a PIRASSIS não tenha dado continuidade à produção na Frente de Trabalho Artesanal com o Projeto Piramodas, houve comercialização de bijouterias confeccionadas nessa Frente em alguns eventos, pois havia muitas peças já prontas.

Para cada evento, havia organização e construção de acordos em reuniões prévias. Geralmente o dinheiro arrecadado era dividido por turnos de trabalho, de forma justa, conforme o tempo trabalhado e, havia retirada para o fundo da PIRASSIS, quando o valor arrecadado não era ínfimo. Todas as decisões eram tomadas em grupo, de forma democrática.

Parcerias

Como a associação sempre configurou diálogos e ações com coletivos e movimentos sociais que iam ao encontro de seus posicionamentos políticos e princípios, a questão principal para a assessoria, no processo de incubação de 2017, era retomar essa história, inflamar antigos vínculos, desenhar novos roteiros, construir. Junto da proposta de reorganização da dinâmica de gestão e funcionamento da Associação e do processo contínuo de articulação do grupo, houve colaboração para o restabelecimento de parcerias, uma vez que foi possível reviver a PIRASSIS enquanto Associação produtora em atividades, o que potencializou a construção de uma rede solidária e heterogênea.

Como já dito, a conexão com os coletivos parceiros intensificou a agenda da Associação, que voltou a participar de eventos, inclusive da organização de muitos deles, junto da CIRCUS, que possibilitou espaços de organização coletiva de eventos culturais que contaram com a organização e comercialização da PIRASSIS; da Rede Trem Bão, que além da comercialização de alimentos também colaborou com doação de alimentos para o almoço solidário da Oficina de Encadernação durante a Semana da Luta Antimanicomial; e do Coletivo 18, na promoção das ações afirmativas. Entre outros parceiros pontuais, como Unesp, Secretaria da Saúde, Coletivo de Mulheres, Coletivo de Palhaços, Capoeira etc.

Havia também a retomada de um desejo de mudança da sede da PIRASSIS do CAPS para o novo espaço do Galpão Cultural, ainda em elaboração.

Projetos, projeções e perspectivas

Para o ano de 2018 projetou-se a conclusão do plano de mudança de local de atuação da PIRASSIS, saindo do CAPS para o Galpão Cultural - que, como mencionado, já havia sido sede da Associação - onde há compartilhamento do espaço com outros coletivos. Essa nova etapa pressupunha vários desafios a serem enfrentados pela Associação, pois tratava-se de uma transição importante com vistas a uma maior emancipação do serviço de saúde e o fortalecimento de sua rede de parcerias. Para que se tornasse realizável no ano de 2018, demos início, ainda em 2017, aos trâmites burocráticos e de logística que dependiam também de outras gestões como a Secretaria e a Coordenadoria de Saúde. Devido às urgências de outras demandas e ao processo de fortalecimento do grupo, lançamos a eleição de nova Diretoria e Conselho Fiscal e regularização de documentos para o próximo ano. Por último, mostra-se sempre

pertinente atualizar as ferramentas e conhecimentos das Frentes de Trabalho, buscando ampliar e aperfeiçoar o projeto de geração de trabalho e renda

Logo no início do ano de 2018, foi possível a conclusão do processo de mudança do local de atuação e de gestão da associação, saindo o CAPS para o Galpão Cultural, ocupado e gerido atualmente por diversos coletivos que realizam oficinas, eventos, aulas, apresentações culturais e reuniões de gestão. O espaço do Galpão é organizado de acordo com diretrizes tiradas em fóruns periódicos, onde consta a presença de todos os coletivos constituintes do espaço. Portanto, com a mudança de local das reuniões, as/os associadas/os da PIRASSIS passaram a frequentar o espaço do fórum, ao passo em que foram ocupando os espaços de reuniões e oficinas, tanto realizadas pela PIRASSIS quanto pelos outros coletivos parceiros. Nessa medida, temos uma certa emancipação do espaço institucional do CAPS, já que as atividades da Associação não dependem mais do espaço físico do mesmo, e uma conquista de espaço social, uma vez que integram espaços para além dos delineados ao estigma da loucura. Há também um alargamento da participação política, não só na conquista social, mas também na composição ativa de fóruns e organização de eventos.

Ademais, nesse segundo ano do processo de incubação, a assessoria foi praticável de forma diversa, no sentido agregador, dado que o grupo, após todas as etapas de articulação do ano de 2017, já se encontrava mais fortalecido, já se fazia existir. Sendo assim, a Associação já contava com mais presentes nas reuniões, sendo essas realizadas semanalmente, salvo férias ou aviso prévio, tendo a consolidação das práticas acordadas em grupo, como organização de reuniões, divisão de retiradas, escolha de eventos, etc. Uma outra ação construída foi a de rotatividade nas tarefas, ou seja, toda a semana, por exemplo, uma dupla diferente faria a ata, o café, os cartazes, sempre com a presença mínima de uma/um usuária/o, de forma voluntária, para que todas/os pudessem aprender um pouco sobre tudo.

Com relação à equipe de estagiárias/os da PIRASSIS, houve mudança porque, além da presença da aprimoranda do CAPS, que se renova todo ano e da equipe de assessoria da Incop, houve a entrada de voluntárias/os que procuraram a Associação no começo do ano. Diferentemente do ano de 2017, quando a Associação também contava com o esvaziamento por parte das/os estagiárias/os, o ano de 2018 se iniciou com uma enorme procura pela PIRASSIS. Como não era possível a entrada de todas/os as estagiárias/os, em reunião com a presença das/os interessadas/os, foi acordada a apresentação de propostas de oficinas de formação, com roteiro e tempo pré-

determinados, que seriam escolhidas pelo grupo ou adequadas ao calendário, conforme o número de propostas. Apenas duas dessas/es estagiárias/os enviaram propostas de projetos de oficinas de formação, sendo que uma era focada em culinária e outra em artesanato, o que favorecia as Frentes de Trabalho já realizadas na PIRASSIS, sendo então, as propostas incluídas no calendário e as/os estagiárias/os responsáveis nas reuniões.

Diante do exposto, chegamos no terceiro eixo do trabalho de assessoria de 2018, que compreende as oficinas de formação. Salienta-se, mais uma vez, que todas as práticas da Associação e, portanto, da incubação são pensadas pela perspectiva de Luta Antimanicomial, focadas na construção de autonomia, de modo que dialogue com um modelo de sociedade mais justo e com as diretrizes da Atenção Psicossocial.

Então, com maior número de associadas/os e estagiárias/os e com o grupo mais fortalecido, conseguimos estruturar demandas para a construção da formação. Inicialmente, dois segmentos se destacaram na necessidade de atualização: as Frentes de Trabalho e a execução da Economia Solidária, principalmente no que diz respeito às questões financeiras. Sendo assim, a atualização das Frentes de Trabalho se deu na construção de projetos de oficina pelos estagiários interessados, como supracitado. O primeiro momento das Oficinas de Culinária e Artesanato, que se deu no primeiro semestre de 2018, foi focado no aprendizado e na familiarização com as práticas como fundamentos. Portanto, o trabalho das oficinas se deu de forma a proporcionar um ambiente confortável e construtivo entreicineiras/os, associadas/os, usuárias/os da saúde mental e os temas trabalhados, a fim de construir juntas/os ferramentas para tais práticas. As atividades de cada encontro da oficina eram previamente acordadas entre oficineira/o e participantes seguindo o projeto apresentado no começo do ano.

Com relação a formação em Economia Solidária, que guia as práticas da Associação tanto no modelo de gestão, nas relações interpessoais e no trato financeiro, a assessoria foi pensada de modo que pudéssemos desenvolver os princípios e práticas da Ecosol já realizados cotidianamente. Foi conveniente o convite de um profissional conhecido que já tinha grande familiaridade com as práticas solidárias e é formado em Economia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Precedente a oficina, o profissional convidado esteve presente em duas reuniões a fim de entender o funcionamento da Associação e de identificar, junto das/os associadas/os, possíveis carências na formação em Ecosol. Houve, também, uma reunião entre equipe de assessoria da PIRASSIS pelo Incop, profissional convidado e estagiárias/os voluntárias/os da PIRASSIS onde foi viável, mais uma vez, evidenciar tópicos a serem trabalhados e

então, contribuir para a construção da oficina. Portanto, a oficina foi pensada com o propósito de disparar a reflexão e a formação sobre as práticas em Ecosol, com o foco na precificação dos produtos, que era um dos maiores desafios para a Associação e um dos desejos de formação desde 2017.

A oficina foi realizada em um único dia, de forma bem participativa e foi notável o quanto afetou todos os corpos ali presentes. Importante salientar que a realização da oficina foi precedente a nossa participação em um evento onde é realizada, anualmente, por quatro anos consecutivos, nossa maior venda. Dessa forma, a oficina se tornou mais lúdica já que os dados usados nas práticas eram os dados estimados da produção e comercialização nesse evento e a atuação da Associação se deu de forma facilitada.

Seguindo, para o segundo momento das Oficinas, iniciado agora no segundo semestre de 2018, tem-se a mudança de foco das oficinas do aprendizado e familiarização para a produção para venda, ou seja, os espaços de oficina serão usados para a fabricação dos produtos que podem ser comercializados em feiras da cidade.

Por fim, adentramos ao quarto eixo de assessoria de incubação, a regulamentação administrativa e burocrática, em razão da próxima oficina ter sido planejada dentro desse processo. Nesse eixo da incubação, o trabalho se dava na regulamentação dos documentos: cabia regularizar a Associação na Receita Federal com relação à Declaração de Imposto de Renda e eleger nova Diretoria e Conselho Fiscal. No andamento dessas atividades, o grupo percebeu o quanto o Estatuto Social da PIRASSIS estava desatualizado com relação às suas práticas atuais, visto que havia sido criado em 2002, junto com a Associação e sua única mudança foi no ano de 2011. O desejo de atualização do Estatuto Social nasceu em uma das reuniões semanais e todas/os aprovaram. Então, para antes da regulamentação de documentos, precisávamos revisar e atualizar o Estatuto.

Em reunião, foi proposta a criação de uma equipe responsável pela atualização do Estatuto e apenas técnicas/os e estagiárias/os se interessaram. Fez-se evidente, nesse momento, a falta de familiaridade com os assuntos mais administrativos e burocráticos da Associação por parte de todas/os em variados graus, criando então, uma questão a ser trabalhada.

Diante disso, foi pensada uma oficina de formação que trabalhasse sobre Estatuto e Eleição. A proposta foi levada para reunião e todas/os aceitaram, culminando então com a realização da mesma, tendo como oficinaira a própria equipe de assessoria da Incop. Cabe ressaltar que grande parte da formação se dá por meio de oficinas porque esse formato se faz preferênciada do grupo incubado.

A oficina foi arquitetada com o propósito de trabalhar coletivamente questões referentes ao estatuto e à Eleição, a fim de viabilizar a construção de ferramentas para lidar com as dificuldades singulares do grupo com relação às burocracias, e construir entendimentos sobre o porquê da PIRASSIS ser uma associação, o que é um estatuto, o que tem neste estatuto. Cada capítulo do Estatuto Social foi explicado com relação a sua função, assim como os cargos e funções de Diretoria e Conselho fiscal. Também foi trabalhada a estruturação de uma eleição de Associação, conforme disposto no Estatuto Social da PIRASSIS. Como em todas as reuniões, o conteúdo da oficina foi inter-relacionado com as histórias singulares de cada associado e com a contribuição do modelo de organização coletiva e da proposta de geração de trabalho e renda na Luta Antimanicomial.

Concomitante à sugestão, planejamento e realização da oficina de formação de Estatuto e Eleição, era continuado o processo de atualização do Estatuto Social. Logo após o término da atualização, foi realizada uma Assembleia Geral Extraordinária conforme previsto no mesmo para apresentação das modificações, discussão e votação de todas as mudanças por parte das/os associadas/os. Por meio de apresentação digital projetada e com a mediação da professora supervisora, foram expostas as mudanças, sendo elas discutidas em grupo com opiniões e sugestões das/os presentes e, por fim, a votação por aceitar ou não cada modificação, e a representação em Ata de sugestões de alteração e adição realizadas no espaço da Assembleia. Posteriormente, portanto, com base no livro Ata da Assembleia, foram feitas as últimas alterações no Estatuto Social que seguirá para registro após a sistematização dos documentos requeridos para este processo. Sendo assim, como plano posterior, tem-se a realização de eleição de nova Diretoria e Conselho Fiscal para o mandato que se iniciará no ano de 2018 e com isso, regulamentação da Associação mediante a Receita Federal.

Frentes de trabalho

Nesse momento, foi conveniente para a Associação escolher em quais eventos participaria ou não embasada nas experiências do ano anterior. Dessa forma, houve uma diminuição na participação de eventos, uma vez que alguns deles não foram muito rentáveis no ano anterior. Todas as decisões sobre participar ou não de cada evento é feita em reunião, onde a voz é passada por todos. Todos são ouvidos e então, abre-se para a votação. Por outro lado, como grupo já estruturado e conhecido pelos seus produtos culinários, foram recebidos convites maiores, com a responsabilidade de várias refeições

em um mesmo evento, por exemplo. Faz-se importante ressaltar que, até o mês de setembro, as atividades de produção da PIRASSIS foram realizadas na frente de trabalho de culinária, ficando a frente de trabalho de artesanato para ser desenvolvida neste semestre. Assim sendo, para este semestre, tem-se a pretensão de realizar algumas oficinas de formação em práticas artesanais como confecção de imãs de geladeira e produção de cadernos feitos à mão, retomando a produção na Frente de Trabalho Artesanal. Ademais, também para este semestre, pretendemos iniciar a participação em uma feira livre da cidade, coloquialmente chamada de Feira da Lua, com o projeto Pira Noturna, onde podemos expor, quinzenalmente, os produtos confeccionados nas Frentes de Trabalho, tanto culinários quanto artesanais, sendo um ponto fixo de comercialização. Ainda sobre a participação na Feira da Lua, reafirma-se o segundo momento das oficinas que compreende em ser um espaço de produção, então, pretende-se usar o tempo das oficinas de culinária para a confecção dos produtos de venda, como por exemplo, bolachinhas de nata ou de leite condensado. Da mesma forma ocorrerá com as oficinas de artesanato, na medida em que a Frente de Trabalho Artesanal se estruturar.

Parcerias

A mudança de local de atuação da Associação do Caps para o Galpão Cultural expandiu o contato com coletivos parceiros, por consequência de, a princípio, o próprio Galpão ser gerido e ocupado por diversos outros coletivos. Além disso, o Galpão sendo o espaço de realização de muitos eventos, garante um fluxo contínuo e diverso de outros coletivos e pessoas que não participam da gestão do espaço, fomentando o contato com o novo. Portanto, nesse ano faz-se presente uma proximidade facilitada com a cultura e com a própria cidade, visto que o Galpão se localiza no centro dela.

Outro fato é a própria gestão, uma vez que, como já dito, a organização do espaço do Galpão se dá por meio dos Fóruns, as/os associadas/os da PIRASSIS acabam por se relacionar de forma mais íntima e intensa com outros coletivos, coabitando espaços com pessoas diversas, participando em comunidade na gestão do espaço usado, decidindo sobre a rotina e agenda do local. Logo, a existência do grupo enquanto Associação, continua sendo marcada pela articulação com os coletivos do ano passado, como Galpão, CIRCUS, Rede Trem Bão, Coletivo de Mulheres, Capoeira etc. e com a intensificação no conhecimento de novos parceiros. Todos os coletivos com os quais a PIRASSIS se relaciona vão, de alguma forma, ao encontro com os princípios de luta e existência vivenciados por ela.

Para além da geração de trabalho e renda

A PIRASSIS, enquanto associação de usuárias/os, familiares e amigas/os da saúde mental, alinha-se com a luta antimanicomial, pois foi na década de 1980, na Reforma Psiquiátrica, que as associações de usuários surgiram como parte da do projeto de Atenção Psicossocial. Segundo Yasui (2006, p. 44) “as associações atuaram na construção de novas possibilidades de atenção e cuidados e na luta pela transformação da assistência em saúde mental”; sendo assim, faz-se fundamental a militância na construção de práticas para além das médico-centradas e a organizações de ações afirmativas.

A PIRASSIS tem frente na organização de muitos eventos referentes aos seus princípios e posicionamentos políticos e estabelece parcerias com diversos coletivos de Luta Antimanicomial da região, além de compor, muitas vezes, no trabalho realizado pela Secretaria de Saúde e Coordenação de Saúde em atividades de luta. Exemplo disso são as ações afirmativas realizadas em parceria com o Coletivo 18, coletivo de Luta Antimanicomial de Assis, que vão desde a exibição de filmes, até rodas de conversas, debates, teatros, apresentações culturais, manifestações e etc. O coletivo 18 costuma realizar suas ações nos dias 18 de cada mês em referência ao Dia Nacional da Luta Antimanicomial. Outro exemplo é a aproximação com o Coletivo de Luta Antimanicomial de Marília-SP, que procurou a Associação com o intuito de aprender sobre as ações afirmativas e se familiarizar com as vivências dos usuários da Saúde Mental. A partir desse primeiro contato, foi possível programar uma agenda de parcerias em atividades como apresentação cultural e exibição de documentário, em Assis-SP e Marília-SP. Para além, a Associação marca presença em congressos do mesmo tema, como o Encontro realizado em Bauru, “*30 anos de luta: por uma sociedade sem manicômios*”, e o “*IV Congresso Internacional de Saúde Mental*” que se realizará na cidade de Ourinhos-SP no mês de setembro de 2018.

Ainda no âmbito da Saúde Mental, temos a importância do trabalho em rede e as especificidades das afetações na relação com os estigmas da loucura. Sendo assim, o grupo de estagiárias/os voluntárias/os presente na PIRASSIS, junto da equipe de assessoria da Incop, se organizou de forma que possam, coletivamente, conversar e construir conhecimentos acerca dos atravessamentos e das potências geradas no encontro de seus corpos no cotidiano da PIRASSIS e nas intersecções com a Saúde Mental. Dessa forma, cria-se um espaço em equipe de reflexão sobre possíveis angústias, desafios, aprendizados possibilitando a criação de ferramentas a fim de potencializar o contato.

Ademais, enquanto uma Associação localizada em uma sociedade estruturada em relações de poder, com a reprodução de opressões como machismo, misoginia, lgbtfobias, racismos etc., faz-se indispensável a formação e o diálogo sobre tais opressões conforme demanda do cotidiano. Posto isso, foi sugerida a criação de uma oficina que tratasse de assédio e machismo, pois que esse tema tem habitado algumas vivências das/os associadas. A pretensão é de que ela ocorra ainda no ano de 2018.

Por fim, acreditamos que há ainda muito a se desenvolver, tendo em vista os objetivos de promover o exercício pleno da cidadania das/os usuárias/os dos serviços de saúde mental, ampliar o espaço de discussão, reflexão e reelaboração do conceito de doença mental na comunidade e fortalecer os princípios da Reforma Psiquiátrica. Dessa forma, a PIRASSIS vem atuando na luta pela inserção mais efetiva e justa da/o louca/o na sociedade, mediante atividades que favorecem a participação e inclusão da/o doente mental nos diversos âmbitos da vida social, como as de cunho político e cultural e de geração de trabalho e renda por meio dos valores da Economia Solidária.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, A. M. R.; LADEIA, C. R.; FELÍCIO, R. G. Extensão Universitária e economia solidária: a experiência da incubadora de cooperativas populares da UNESP - Assis. In: ARAÚJO, M. A. M. de; ALMEIDA, L. L. de (Org.). **Incubadora de cooperativas populares: as experiências da UNESP**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

COSTA-ROSA, A. O modo psicossocial: um paradigma das práticas substitutivas ao modo asilar. In: AMARANTE, P. (Org.) **Ensaio: subjetividade, saúde mental, sociedade**. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 2000.

MENDES, A. A. et al. A trajetória da UNESP no contexto da Economia Solidária. **Revista Ciência em Extensão**. v.10, n.3, p.14-40, 2014.

ROCHA, Sônia R. C. et al. PIRASSIS e Programa de Geração de Renda: um outro lugar para a “loucura” por meio de um lugar social para o trabalho-interfaces entre Reforma Psiquiátrica e Economia Solidária. In: Seminário Acadêmico Internacional PROCOAS, 3., 2007, Marília. **Resumos...** Marília: UNESP- Faculdade de Filosofia e Ciências, 2007. Disponível em: http://grupomontevideo.org/ndca/caprocessoscooperativos/wp-content/uploads/2018/07/III_Semin%C3%A1rio_Procoas.pdf. Acesso em: 21. ago. 2018.

ROTELLI, F. Empresa Social: construindo sujeitos e direitos. In: AMARANTE, P. (Org.) **Ensaio: subjetividade, saúde mental, sociedade**. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 2000.

SANTIAGO, E.; YASUI, S. O trabalho como dispositivo de atenção em saúde mental: trajetória histórica e reflexões sobre sua atual utilização. **Revista de Psicologia da UNESP**. v.10 (1), pp. 195-210, 2011.

SANTOS, Larissa F. M. et al. Projeto Ponte. In: Encontro Nacional da ABRAPSO, XIV., 2007, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ABRAPSO, 2007. Disponível em: <http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/anexos/AnaisXIVENA/conteudo/pdf/trab_completo_67.pdf>. Acesso em: 21. ago. 2018.

SINGER, P. Economia solidária: entrevista com Paul Singer. **Estud. av.**, vol. 22 no. 62 São Paulo, Jan./Apr. 2008.

YASUI, Silvio. **Rupturas e encontros: desafios da Reforma Psiquiátrica Brasileira**. 2006. Tese (Doutor em Ciências na área de Saúde) – Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro.

YASUI, S.; COSTA-ROSA, A. A Estratégia Atenção Psicossocial: desafio na prática dos novos dispositivos de Saúde Mental. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 78/79/80, p. 27-37. jan./dez. 2008.